

REFLEXOS E REFLEXÕES DAS DIÁSPORAS NAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Prof. Ms., Doutorando Kleyton Pereira¹ (UFRPE/UFPE – Bolsista Capes)

Resumo:

Marcadas pela mobilidade social e pelo desenraizamento geográfico, as diásporas contemporâneas são processos históricos vinculados às dinâmicas do capitalismo global e da interação complexa de relações de poder dentro e entre lugares de origem e fixação. Assim, conceitos como deslocamento, exílio, nostalgia, memória, tornam-se palavras-chave para a noção dessas diásporas, e termos como hibridismo, identidade cultural e fronteiras também desempenham um papel significativo na identificação dos temas diaspóricos. Neste artigo, procuro articular os trabalhos críticos de Avtar Brah (2005), Anh Hua (2005) e Stuart Hall (2000) sobre a diáspora, além de intelectuais africanos como Abiola Irele (2001), Isidore Okpewho (2001), Inocência Mata (2007; 2006;) e Luís Kandjimbo (2012), a fim de analisar a representação das diásporas nas ficções africanas em língua portuguesa em sua relação com o universo sociocultural da produção do texto literário.

Palavras-chave: diáspora, pós-colonialismo, literaturas africanas em língua portuguesa.

1 Introdução

Enquanto tema de análise, a diáspora não é nenhuma novidade, visto que as tradicionais, a saber, a judia, a grega e a armênia, são estudadas e discutidas já há muitos anos. No entanto, atualmente, a diáspora é um tema que alimenta boa parte das discussões sobre a produção ficcional das literaturas africanas tanto nos círculos dos Estudos Culturais como nos estudos do Pós-Colonial. Marcadas pela mobilidade social e pelo desenraizamento geográfico, as diásporas contemporâneas são processos históricos vinculados às dinâmicas do capitalismo global e da interação complexa de relações de poder dentro e entre lugares de origem e fixação. Nesse sentido, conceitos como desapropriação, exílio, nostalgia, deslocamento, memória, tornam-se palavras-chave para a noção das diásporas contemporâneas, e termos como hibridismo, transnacional, identidade cultural e fronteiras também desempenham um papel significativo na identificação de temas diaspóricos.

Este texto, fruto da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, é norteado pelas seguintes perguntas: quais as implicações e mudanças do ponto de vista das culturas inseridas no processo da diáspora? Quais aspectos constituem as diferentes diásporas nas ficções das Áfricas lusófonas? Assim, para responder tais questionamentos, procuro problematizar e articular conceitos de diáspora e espaço diaspórico propostos por Avtar Brah (2005) e Anh Hua (2005), de identidade

¹ **Prof. Ms., Doutorando Kleyton Pereira**

kleytonrwpereira@hotmail.com

Prof. Assistente I da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/UAST)

Doutorando do PPG Letras/Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Bolsista Capes

cultural (HALL, 2000), exílio (SAID, 1999), além das contribuições críticas de intelectuais africanos como Abiola Irele (2001), Isidore Okpewho (2001), Inocência Mata (2012; 2007; 2006;), Francisco Noa (2002) e Luís Kandjimbo (2012), entre outros, a fim de analisar a representação das diásporas nas ficções africanas em língua portuguesa, suas causas e efeitos, e sua relação com o universo sociocultural da produção do texto literário.

2 Da diáspora do conceito

O termo “diáspora”, oriundo do grego *diaspeirein*, etimologicamente, designa um processo abrupto, mas natural, de dispersão frutífera das sementes desde um corpo de origem que dispersava e reproduzia o organismo, significando tanto dissipar, como semear. Do mesmo radical grego [*spr*], são oriundas palavras como ‘espora, esperma, espalhar e dispersar’. Um dos seus primeiros registros escritos na Grécia Antiga está no relato da História da guerra do Peloponeso (II, 27), no século V a.C., do historiador Tucídides, usado aqui para designar a violenta destruição da cidade de Egina e o desenraizamento, dispersão e exílio de sua população por todo o mundo helênico. Diz o texto (TUCÍDIDES, 2001, p.104-5):

Ainda no curso daquele verão os atenienses também expulsaram os eginetas de Egina, juntamente com suas mulheres e filhos, acusando-os principalmente de terem sido responsáveis pela guerra na qual estavam envolvidos; além disto, Egina fica perto do Peloponeso e seria evidentemente uma política mais prudente mandar seus próprios colonos ocupá-la. E de fato despacharam os colonos pouco depois para lá. Quanto aos refugiados eginetas, os lacedernónios lhes deram Tiréia para habitar e cultivar, movidos não somente pela hostilidade dos eginetas em relação a Atenas, mas também porque os mesmos lhes haviam prestado bons serviços por ocasião do terremoto e da revolta dos hilotas, O território da Tiréia está situado na região fronteira entre a Argólida e a Lacônia, estendendo-se até o mar. Lá se estabeleceram alguns eginetas, enquanto outros se dispersaram pelo resto da Hélade.

Num outro texto grego antigo, uma tradução da Torá realizada por eruditos judeus por volta do ano 250 a.C., o termo diáspora era utilizado não só para designar a dispersão dos povos pela ira divina do Antigo Testamento, como ameaça e castigo, mas também para descrever o exílio da elite judaica de Jerusalém de 586 a 530 a.C. Tempos depois dessa tradução, o termo foi usado para referir-se às comunidades judias importantes e que estavam bem estabelecidas naquela região e, pouco depois, ‘diáspora’ foi usado, por extensão, a todos os judeus do mundo greco-romano.

O importante a se observar nos dois exemplos acima é que o caso da cidade de Egina foi o de uma dispersão que não produziu uma cidade nova cuja identidade coletiva fora a verdadeira descendente da velha entidade política e, por isso, não foi diaspórico no sentido orgânico, que requer ruptura, dispersão e reprodução. Egina tratou-se apenas de uma dispersão surgida da violência que exerceu sobre o lugar de origem. No caso dos judeus no mundo helênico, por sua vez, as primeiras comunidades diaspóricas se resumem a uma classe de sacerdotes e escribas associados com o templo e a elite da linhagem de Davi, não se dispersou uma população inteira nem se destruiu a pátria. Além disso, não se formaram como resultado da coação, mas sim pela migração de judeus que buscavam melhores oportunidades econômicas. Assim, durante quase quatro séculos a diáspora judaica não possuía as características que depois seriam consideradas essenciais para definir uma comunidade como diáspora: desde sua origem, o elemento da saída forçada e traumática

estava ausente. (Cf. TÖLÖLYAN, 2011, p.60).

No entanto, a conotação inicialmente positiva das sociedades que se disseminavam entre as diferentes geografias políticas e culturais procurando por melhores oportunidades muda a partir da destruição da Judéia e a perda da proximidade redentora dos judeus com o centro religioso de Jerusalém para as legiões romanas, o que deu ao termo diáspora seu significado violento e doloroso da experiência opressora onde o eu é banido de sua pátria e confinado no território estrangeiro.

Em sua tese sobre a melancolia na diáspora portuguesa, a professora Francisca Zuleide Duarte de Souza (1999, p.26) distingue entre as formas do êxodo e do exílio: a primeira, partida representada pela atitude voluntária do emigrante; a segunda, por sua vez, saída forçada em que o sujeito é obrigado a deixar a sua pátria, seu lugar de origem. No caso específico da diáspora judaica no mundo, segundo a autora (idem, p.61), os judeus exilados na Babilônia, durante o século VI a.C., “sofreram muito, sujeitando-se a regimes completamente diferentes inclusive à escravidão”. Dessa forma, com o tempo, o conceito de diáspora se encheu dos sofrimentos que acompanham muitos tipos de exílio, principalmente a partir da produção de uma literatura de lamentação que se (re)produziu entre várias comunidades de judeus dispersos pelo mundo.

A partir de então, prevaleceu nos estudos da diáspora (e até hoje prevalece em alguns centros de debate) uma definição centrada na experiência dos judeus baseada numa religião e língua comuns e numa memória coletiva de independência, contendo os seguintes pontos como elementos constitutivos, segundo William Safran (Cf. 2011, p. 32): 1) que tenham sido dispersados de um ‘centro’ específico para duas ou mais regiões ‘periféricas’; 2) conservam uma memória coletiva, visão ou mito acerca de sua pátria; 3) crêem que não são – ou talvez não possam ser – totalmente aceitos na sociedade anfitriã; 4) vêem sua pátria ancestral como seu verdadeiro lugar ideal e para onde retornarão quando chegar a hora certa; 5) crêem que estão empenhados na conservação ou restauração de sua pátria original, sua segurança e prosperidade; 6) continuam relacionando-se pessoal e indiretamente com essa pátria de alguma maneira.

Apesar de reconhecermos a importância da definição de Safran, uma vez que sem ela seria mais difícil identificar e estabelecer comparações entre os vários grupos diaspóricos, seu conceito está intimamente relacionado com a ‘experiência ideal dos judeus’ e, por isso, não consegue abarcar outros grupos ‘dispersados’ de seus locais de origem – como, por exemplo, as diásporas africanas, a armênia, a cigana, a indiana, a chinesa, e diásporas que se estabelecem entre os vários e diversos lugares do globo. Isso porque, contrário a alguns dos aspectos destacados por Safran como característicos das diásporas, nem todos os grupos são fruto de uma experiência violenta em seus lugares de origem; nem todos querem voltar para seus lugares de origem por inúmeros motivos; muitos não têm uma casa para voltar e, por muitas vezes, ela não é um lugar acolhedor com o qual possam se identificar, política, cultural, ideológica e socialmente.

3 Da diáspora histórica à diáspora contemporânea

Fruto do processo mais recente da globalização, a chamada “diáspora contemporânea” – para se opor àquela “diáspora histórica” – pode ser caracterizada por sua heterogeneidade social, cultural, política e histórica. Enquanto movimentos marcados pela mobilidade social e pelo desenraizamento geográfico, tais diásporas são processos históricos vinculados aos processos e dinâmicas do capitalismo global, dos efeitos do pós-

colonialismo (ou neocolonialismo²) e da interação complexa de relações de poder dentro e entre lugares de origem e fixação. No dizer de Khalid Koser (2003, p. xvii):

The tumultuous patterns of social, cultural and economic dislocations of global capitalism and the complex interplay of power relations in and across nation-states has often been associated with the creation of vast interconnected global systems of cultural, economic and social relations and the decentering of the people, objects and ideas that move across the 'hypermodernity' of late capitalism. [...] Images of disjunction and the proliferation of identities in motion replace 'essential' markers of identity and boundary. The figure most commonly associated with the borderlands and interstitial zones of this world, caught between at times reconfigured national spaces, are the migrant, of diaspora communities³.

Ainda a esse respeito, Stuart Hall (2011, p.136) diz que a nova fase de globalização, posterior aos anos setenta, esta profundamente enraizada nas disparidades estruturais de riqueza e poder, a níveis mais globais e associados a: interesses corporativos transnacionais; desregulamentação dos mercados mundiais; e fluxo global de capital, tecnologias e sistemas de comunicação que transcendem e tiram de cena o velho marco do conceito de Estado-Nação. Assim, pensando a partir de uma perspectiva diaspórica de uma cultura que subverte os modelos tradicionais baseados pelo conceito de nação, a chamada globalização cultural torna-se desterritorializada. Ou seja, apesar de ter uma cartografia 'localizável', não é fácil encontrar sua origem. São processos que funcionam em um marco espaço-temporal diferente.

Diáspora denota um predicamento de múltiplos lugares e os sujeitos diaspóricos são versões distintas da experiência moderna, transnacional e intercultural. Historicizada deste modo, a diáspora pode converter-se no principal tropo ou figura para as identidades modernas, complexas e posicionais, que são cruzadas transversalmente e deslocadas pela raça, pelo sexo, pelo gênero, pela classe social, e pela cultura. Assim, a diáspora deve relacionar-se com determinados processos culturais de construção das identidades pós-modernas (HALL, 2001). Para Stuart Hall (2000, p.31), são elas, as identidades diaspóricas, que constantemente se produzem e reproduzem de novo com e através da transformação e da diferença. Aqui a metáfora das identidades fronteiriças define a condição de fragmentação, raízes moventes e rizomas (trans)nacionais escolhidas ou impostas por diversos motivos. Em outro texto, Hall (2011, p.133-4) nos diz que:

² Para Shohat & Stam, a comparação entre os termos pós-colonial, pós-independência e neocolonial faz toda a diferença, uma vez que, como "pós" significa "depois", o prefixo inibe as importantes articulações que se pode fazer com o neocolonialismo; também porque a independência formal nem sempre significa a libertação das estruturas hegemônicas e arcabouços conceituais gerados no período colonial. No entanto, o termo neocolonial indica o surgimento do colonialismo sob outros disfarces, enfatiza a repetição com diferença: designa uma hegemonia geoeconômica. (SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Do eurocentrismo ao policentrismo. In.: *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. p. 37-88.). Stuart Hall (2003, p.56) também não diminui a compreensão do pós-colonial em "antes" e "depois", mas a passagem de uma configuração ou conjuntura histórica de poder para outros.

³ Os padrões tumultuosos de deslocamentos sociais, culturais e econômicos do capitalismo global e da interação complexa de relações de poder dentro e entre Estados-nação tem sido frequentemente associado com a criação de vastos interligados os sistemas globais de relações culturais, econômicas e sociais e do descentramento do pessoas, objetos e ideias que se movem através da 'hipermodernidade' do capitalismo tardio. [...] Imagens de disjunção ea proliferação de identidades em movimento substituir "essencial" marcadores de identidade e de fronteira. A figura mais comumente associado com as fronteiras e zonas intersticiais deste mundo, capturados entre às vezes reconfigurou espaços nacionais, são o migrante, das comunidades da diáspora.

El concepto cerrado de la diáspora descansa en una concepción binaria de la diferencia. Se funda en la construcción de una frontera excluyente y depende de la construcción de un “Otro” y de una oposición firme entre el adentro e el afuera. [...] Sabemos que la diferencia es esencial para el significado, y el significado crucial para la cultura. Pero con un acto/una estrategia profundamente contraintuitivo, los lingüistas modernos después de Saussure insisten en que el significado no puede ser fijado de manera definitiva. Inevitablemente siempre hay un “deslizamiento” o “fuga” del significado en la semiosis abierta de una cultura, ya que lo que parece fijo continúa siendo dialógicamente reapropiado. La fantasía de un significado final permanece asediada por una “falta” o por un “exceso”, pero de todos modos nunca es alcanzable el la plenitud de su propia presencia.⁴

Outros exemplos desse mesmo processo dialógico de (re)apropriação cultural incluem termos como “hibridização”, “creoulização”, “desterritorialização”, entre outros que procuram caracterizar a maneira com que, atualmente, enfrentamos a crescente exposição a influências transnacionais de origens e histórias diferentes.

O termo “híbrido”, apesar de pertencer ao campo da biologia e da genética, é atribuído, no campo cultural, ao romancista indiano Salman Rushdie, que em seu romance **Os Versos Satânicos** celebra as novas e inesperadas combinações de seres humanos, culturas, idéias, políticas, isto é, do “excesso cultural”, no dizer de Homi Bhabha (1989), que facilita a formação de novas formas de identidade cultural.

O segundo conceito, inspirado em formulações da sociolinguística a respeito da interação entre as línguas, foi adotado pelo antropólogo sueco Ulf Hannerz no sentido de apreender o sentido das culturas contemporâneas que foram formadas pela conjunção de culturas historicamente separadas. Por esse movimento complexo de interação sociocultural, a creoulização, segundo o autor, tem conotações de criatividade e riqueza de expressão e no centro das culturas crioulas há sempre uma combinação de diversidade, interconexão e inovação (apud TAMBIAH, 2011, p.192).

O outro termo citado, a condição de desterritorializado⁵, é descrito como a crescente e acelerada mobilidade de pessoas, combinada com a resistência para que os produtos e práticas culturais permaneçam em seu lugar, o que acarreta uma profunda sensação de perda das raízes territoriais.

Atualmente o termo diáspora compartilha significados com um domínio semântico mais amplo, incluindo palavras como: imigrante, refugiado, desapropriação, deslocamento, exílio, nostalgia, memória, comunidade no estrangeiro, comunidade étnica, entre outras que se tornaram palavras-chave para a noção das diásporas contemporâneas, e termos

⁴ O conceito fechado da diáspora descansa em uma concepção binária da diferença. Está fundada na construção de uma fronteira excludente e depende da construção de um “Otro” e de uma oposição firme entre o dentro e o fora. [...] Sabemos que a diferença é essencial para o significado, e o significado essencial para a cultura. Mas com uma ação/uma estratégia profundamente contraintuitiva, os lingüistas modernas posteriores a Saussure insistem em que o significado não pode ser fixado de maneira definitiva. Inevitavelmente sempre há um “deslizamento” ou “fuga” do significado na semiose aberta de uma cultura, já que o que parece fixo continua sendo dialogicamente reapropiado. A fantasia de um significado final permanece asediada por uma “falta” ou por um “excesso”, mas de qualquer maneira nunca é alcançável na plenitude de sua própria presença.

⁵ Para uma melhor definição do termo, ver **O mito da desterritorialização**, de Rogério Haesbaert, nas referências.

como hibridismo, transnacional, identidade cultural e fronteiras também desempenham um papel significativo na identificação de temas diaspóricos. Essas palavras sugerem as redes real e imaginária de relações entre os povos espalhados cujo senso de comunidade se sustenta através de formas de contato várias, tais como, parentesco, língua, rituais, entre os novos meios eletrônicos de *mass media*.

4 **Diáspora: espaço (do ficcional) nas literaturas africanas lusófonas**

Enquanto objeto de análise, o espaço possui relevância teórica em várias áreas do conhecimento científico e, talvez por isso, se erige na epistemologia contemporânea como uma das categorias mais importantes nas discussões das Ciências Humanas. Tais perspectivas pressupõem uma visão mais ampla aos Estudos Literários e podem servir como referência para a análise de obras ficcionais que problematizam o tema da desterritorialização. Com isso, enquanto estudo do espaço, as diásporas revelam o percurso das transformações históricas, geográficas e políticas decorrentes da interrelação entre grupos e espaços sociais.

Um dos conceitos fundamentais para os estudos da diáspora é o do espaço diaspórico, da crítica indiana Avtar Brah. Em seu livro **Cartografias da diáspora**, a autora (2005, p.181-210) defende a idéia de que o espaço diaspórico está centrado nas configurações de poder e, por isso, o que está em jogo são os vários processos de fissura e fusão cultural que sustentam as novas formas de identidades (trans)culturais. A partir dessas relações, as identidades diaspóricas, diferentes internamente e entre si, são redes de identificações transnacionais englobando comunidades imaginadas e encontradas, ou seja, são ao mesmo tempo local e global. Nesse sentido, ainda segundo Brah (2005, p.208), o espaço diaspórico se configura na intersecção entre três elementos: diáspora, fronteira e des/locamentos como pontos de confluência de processos econômicos, políticos, culturais e psicológicos.

It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; where the permitted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition. Here, tradition is itself continually invented even as it may be hailed as originating from the mists of time. What is at stake is the infinite experientiality, the myriad processes of cultural fissure and fusion that underwrite contemporary forms of transcultural identities⁶.

Nesse sentido, a diáspora está intimamente ligada a outras categorias, pensá-la é sempre uma perspectiva dupla de descontinuidade espaço-temporal, e teorizar sobre ela é compreender, de maneira heterogênea, seus múltiplos processos (GILROY, 1994).

Nos estudos da narrativa ficcional, o espaço constitui um dos mais importantes elementos da diegese, não só pelas articulações que estabelece com as demais categorias de maneira especial o ambiente, o tempo e a perspectiva narrativa, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. Sendo o lugar onde se desenvolve a ação da

⁶ É onde várias posições de sujeito são justapostas, contestadas, contestadas, proclamadas ou repudiadas; onde o permitido e o transgressor imperceptivelmente se misturam, mesmo quando essas formas sincréticas podem ser negadas em nome da pureza e da tradição. Aqui a tradição é em si mesma continuamente inventada, pois pode ser saudada como originária das brumas do tempo. O que está em jogo é a experiencialidade infinita, os processos miríade de fissura culturais e de fusão que subscrevem as formas contemporâneas de identidades transculturais.

narrativa, o espaço pode ser apreendido tanto em suas relações com o real, ancorando a narrativa numa *mimesis* que nos remete ao universo cultural recuperável fora do romance, criando um efeito de real que liga o texto ao seu contexto de produção; como também através de suas funções no interior do texto, articulado aos demais elementos semânticos da narrativa, refletindo na ambientação as relações conflituosas entre as personagens.

Atualmente, uma abordagem crítica que passou não só a valorizar o lugar do espaço na ficção, mas também a valorizá-lo como uma categoria reflexiva e de análise foram os Estudos Culturais. Considerada como um campo interdisciplinar, ela contempla aspectos materiais e simbólicos das dinâmicas sociais e culturais de maneira que o espaço passa a ser visto como algo mais do que o cenário das ações na narrativa, como um “espaço de identificações” (BRANDÃO, 2005, p.124), isto é, de construção de identidades.

Nesse sentido, enquanto conjunto de indicações reais e abstratas que constituem o sistema de relações geográficas, históricas, sociais, culturais e discursivas do sujeito ficcional, o espaço nos interessa na medida em que revela, através da linguagem, a imersão dos personagens em um determinado universo cultural.

É sob tal perspectiva que o espaço de uma obra literária nos possibilita um estudo que não se limita apenas ao objeto, mas que abre margens a um diálogo interdisciplinar. Assim, é possível analisar “um léxico espacial que inclui termos como margem, território, rede, fronteira, passagem, cartografia, buscando compreender os vários tipos de espaço representados no texto literário em função do fato de se vincularem a identidades sociais específicas” (BRANDÃO, 2007, p.298-9).

Um dos principais temas do qual se alimenta a produção literária dos países africanos, apropriando-se da (re)construção e readaptação permanente da cultura, é o (des)enraizamento na diáspora. A questão da migração, do exílio e da (não) pertença nas literaturas da lusofonia ainda é uma grande ferida nos estudos críticos do pós-colonial e é, por certo, aquele do qual se alimentam as literaturas africanas de maneira geral, não somente as de língua portuguesa.

Nas Áfricas lusófonas, as experiências da diáspora são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas, tanto naqueles que retornam ao seu lugar de origem, quando retornam, quanto nos que os recebem — no caso da diáspora em Cabo Verde, esse sentimento de entre-lugar próprio do cabo-verdiano é revelado por Baltasar Lopes (2007) na epígrafe de seu romance *Chiquinho* que diz em crioulo e português: “*Corpo, qu'ê nêgo, sa ta báí; Coraçom, qu'ê fôrro, sa ta fica... — O corpo, que é escravo, vai; o coração, que é livre, fica...*”.

Sobre a experiência específica da diáspora na Guiné-Bissau, Moema Parente Augel (2007, 186) afirma que

O fenômeno é geral, podendo-se alinhar exemplos os mais diversos. Os migrantes, em número cada vez maior nos países industrializados, vivenciam muitos problemas, tanto do ponto de vista de integração como por razões sociais, econômicas e políticas.

Ainda segundo a autora, boa parte da intelectualidade dos países africanos, por diversos motivos, deixou o país numa onda migratória que causou a instabilidade política, a precariedade econômica e educacional, o que de certa forma contribui para o monopólio do discurso científico sobre a África.

No caso de Cabo Verde, por sua vez, José Maria Semedo revela que há para além de

uma migração externa, uma outra interna, fruto da troca da incerteza das colheitas pelas aventuras no espaço urbano, motivada pela seca e outras intempéries das ilhas. Além disso,

Durante o seu processo de formação, Cabo Verde estendeu-se pela diáspora, com uma comunidade dispersa noutros continentes, em países da mais diversa expressão linguística, hábitos e padrões culturais que vão sendo introduzidos na cultura crioula.

Esta diáspora há mais de um século iniciada, também é o resultado da seca e da desertificação. Hoje, ela é considerada por muitos como espaço de continuidade da cultura caboverdiana, novas ilhas espalhadas pelo mundo.

A sobrevivência da cultura caboverdiana vai depender, em grande parte, da capacidade de integração das inovações trazidas por estas “ilhas” da diáspora numa perspectiva de enriquecimento do patrimônio, uma gestão racional deste território marcado pela seca e sujeito à desertificação; da capacidade de explorar o espaço marinho que envolve as ilhas; em suma, da nossa capacidade de conhecer e saber viver nas nossas ilhas. Um desafio a esta e às novas gerações. (SEMEDO, 1991, p.92)

Além do caso da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, há outros motivos que levaram, principalmente a partir da Revolução de 74 e do processo de independência nas antigas colônias portuguesas em África, à diásporização, tanto para o exterior como para o interior do país. Dentre os principais motivos, podemos destacar: as violentas e longas guerras civis (Angola, Guiné-Bissau e Moçambique) e o movimento de trabalhadores indiferenciados (Cabo Verde e São Tomé e Príncipe).

Conclusão

As obras escolhidas para compor o corpus de análise da pesquisa de doutorado, ainda em andamento, apresentam um espaço diaspórico que possibilita, a partir da relação obra ficcional e seu contexto de produção, compreendermos melhor o processo de construção das diferentes identidades culturais que compõem as matrizes das sociedades dos países africanos de língua portuguesa.

Nesse sentido, procuramos analisar a construção do espaço diaspórico nas obras de alguns autores africanos apontando, a partir de seus temas, a variada problemática da diáspora em cada um deles. São eles: Inácio Rebelo de Andrade, angolano, exílio geográfico forçado pela insegurança em um país tomado pela guerra; Orlanda Amarílis, cabo-verdiana, o duplo drama da partida, pedra de toque que move a diáspora das narrativas centradas em personagens femininas; Filomena Embaló e Abdulai Silá, bissau guineenses, drama de quem volta ao país de origem após anos de exílio forçado pelos desdobramentos políticos da independência e diáspora e dinâmicas pós-coloniais na constituição da identidade nacional, respectivamente; Paulina Chiziane, moçambicana, diáspora endógena, fruto da guerra, da completa miséria e do sofrimento que assolam os personagens em seu êxodo apocalíptico; Olinda Beja, são-tomense, e o preço crioulo de quem vive nas encruzilhadas culturais da diáspora lusófona.

Finalmente, esses autores foram escolhidos por apresentarem, cada uma, de sua forma e em seu gênero, um discurso em que personagens, narradores e vozes discursivas mostram a tensão de um espaço diaspórico, seja ela exógeno ou endógeno, espaço territorial de fronteira, que possibilita compreendermos melhor o processo de

(des/re)construção das identidades culturais que se refletem nas obras ficcionais.

Referências Bibliográficas

- 1] AMARÍLIS, Orlanda. **A casa dos mastros**. Lisboa: Bertrand, 1989.
- 2] _____. **Cais-do-Sodré té Salamansa**. Coimbra: Centelha, 1974.
- 3] _____. **Ilhéu dos pássaros**. Lisboa: Plátano, 1974.
- 4] ANDRADE, Inácio Rebelo. **Passageiro sem bilhete: ou a história do benguelinha que viajou clandestino para o puto**. Lisboa: Veja, 2003.
- 5] AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: nação, identidades, e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau**: Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- 6] BAUMANN, Martin. Diáspora: genealogias semánticas y la comparación transcultural. In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 7] BEJA, Olinda. **15 dias de regresso**. Coimbra: Pé de Página, 2007.
- 8] BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. New York: Routledge, 2005.
- 9] BRANDÃO, Luis Alberto. Breve história do espaço na teoria da literatura. In: **Cerrados**, Brasília, ano 14, n. 19, p. 115-134, 2005.
- 10] _____. Espaços literários e suas expansões. In: **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 15, p. 207-220, jan./jun., 2007.
- 11] CHIZIANE, Paulina. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- 12] CLIFFORD, James. Diásporas. In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 13] EMBALÓ, Filomena. **Tiara**. Lisboa: Instituto Camões, 1999.
- 14] GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- 15] _____. **The black Atlantic: modernity and double consciousness**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1994.
- 16] HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 5.ed.rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- 17] HALL, Stuart. Pensar en la diáspora: en casa, desde el extranjero. In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 18] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- 19] _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- 20] _____. Cultural identity and diaspora. In.: MIRZOEFF, Nicholas (Org.). **Diaspora and visual culture**. London/New York: Routledge, 2000.

- 21] HUA, Ahn. Diaspora and cultural memory. In.: VIJAY, Agnew (Org.). **Diaspora, memory, and identity: a search for home.** Toronto: University of Toronto Press, 2005.
- 22] IRELE, Francis Abiola. **The African imagination: literature in Africa and the black diaspora.** Nova York: Oxford University Press, 2001.
- 23] KANDJIMBO, Luís. A incompletude no processo de disciplinarização das literaturas africanas. In.: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **África: dinâmicas culturais e literárias.** Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.
- 24] KOSER, Khalid (ed). **New African Diasporas.** London and New York: Routledge, 2003.
- 25] MATA, Inocência. “A condição das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns”. In.: VAZ LEÃO, Ângela (Org.). **Contatos e Ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa,** Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, 2003.
- 26] _____. **A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões.** Luanda: Nzila, 2007.
- 27] _____. Para uma geocrítica do eurocentrismo. In.: FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira (Orgs.). **África: dinâmicas culturais e literárias.** Belo Horizonte: Editora PUC MINAS, 2012. p.123-144.
- 28] _____. **Laços de memória & outros ensaios sobre literatura angolana.** Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.
- 29] MOYA, José C. Estudios sobre la diáspora: ¿nuevos conceptos, enfoques y realidades? In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas.** Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 30] NOA, Francisco. **Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária.** Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- 31] OKPEWHO, Isidore; DAVIES, Carole Boyce; MAZRUI, Ali A. **The African diaspora: African origins and new world identities.** Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- 32] PADILHA, Laura Cavalcante. **Literaturas africanas e pós-modernismo: uma indagação.** Lisboa: Novo Imbondeiro, 2002.
- 33] SAFRAN, William. Las diásporas en las sociedades modernas: mitos de la patria y el retorno. In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas.** Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 34] SEMEDO, José Maria. O milho, a esperança e a luta. In.: MARIANO, Gabriel. **Cultura caboverdeana: ensaios.** Lisboa: Vega Editora, 1991. p. 81-92.
- 35] SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- 36] _____. Notes on the ‘post-colonial’. In.: MONGIA, Padmini (Org.). **Contemporary postcolonial theory: a reader.** New York: Arnold, 1996. p. 321-334.
- 37] SILA, Abdulai. **Mistida: Trilogia.** Praia: Centro Cultural Português, 2002.

- 38] TAMBIAH, Stanley J. Movimientos transnacionales, diáspora y modernidades múltiples. In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 39] TÖLÖLYAN, Khachig. La reconsideración de Diaspora y las diásporas: poder sin Estado en el momento transnacional. In.: GOLUBOV, Nattie. **Diásporas: reflexiones teóricas**. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011.
- 40] TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.